

## TERAPIA OCUPACIONAL E AGROECOLOGIA: REFLEXÕES PARA UMA PRÁXIS ECO-SOCIAL\*

Occupational Therapy and Agroecology: reflections for an eco-social praxis

Terapia Ocupacional y Agroecología: reflexiones para una praxis eco-social

### Resumen

Esse texto objetiva promover o diálogo entre a Terapia Ocupacional, enquanto campo que vem se debruçando sobre a ocupação humana e a Agroecologia, enquanto movimento insurgente que vem reivindicando formas alternativas de se relacionar com a natureza e seus recursos, para superar a colonialidade da natureza. É um trabalho de reflexão, tendo como base conceitos calcados principalmente na proposta teórico-prática da Terapia Ocupacional eco-social. As ocupações de sujeitos e grupos sociais estão relacionadas com seus posicionamentos ecológicos dentro do ecossistema, que podem ser destrutivos/alienados ou sustentáveis/conscientes. Para a superação de ocupações humanas pautadas no paradigma capitalista é interessante o estabelecimento de conexões entre a Agroecologia e a Terapia Ocupacional, tendo em vista a capacidade desse profissional em pensar e intervir nessas ocupações, e, assim, construir espaços para superação de padrões ocupacionais baseados no pressuposto capitalista.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; Colonialidade da natureza; Terapia ocupacional eco-social.

### Abstract

This text aims to promote the dialogue between Occupational Therapy, as a field that has been focusing on human occupation, with Agroecology, as an insurgent movement that has been claiming alternative ways of relating to nature and its resources, surpassing the coloniality of nature. It is a work of reflection, having the concepts based mainly on theoretical-practice proposal of the Occupational Therapy eco-social. The occupations of subjects and social groups are related to their ecological placements within an ecosystem, which can be destructive/alienated or sustainable/conscious. Thus, overcome human occupations based on the capitalist paradigm, it is interesting to establish connections between the Agroecology and the Occupational Therapy, in a view of the professional's ability of thinking and to intervene these occupations, and, therefore, to build spaces for overcoming the occupational patterns based on the capitalist paradigm.

**Keywords:** Agroecology; Coloniality of nature; Occupational Therapy eco-social.

### Resumen

Este texto tiene como objetivo promover el diálogo entre la Terapia Ocupacional, como campo que viene inclinándose sobre la ocupación humana, con la Agroecología, como movimiento insurgente que viene reivindicando formas alternativas de relacionarse con la naturaleza y sus recursos, superando la colonialidad de la naturaleza. Es un trabajo de reflexión, teniendo como base conceptos calcados principalmente en la propuesta teórico-práctica de la Terapia Ocupacional eco-social. Las ocupaciones de sujetos y grupos sociales están relacionadas con sus posicionamientos ecológicos dentro del ecosistema, que puede ser destructiva / alienada o sustentable / consciente. Así, para la superación de ocupaciones humanas pautadas en el paradigma capitalista es interesante el establecimiento de conexiones entre la Agroecología y la Terapia Ocupacional, teniendo en vista la capacidad de ese profesional en pensar e intervenir en esas ocupaciones, y construir espacios para superación de patrones ocupacionales baseados en el paradigma capitalista.

**Palabras clave:** Agroecología; Colonialidad de la naturaleza; Terapia Ocupacional eco-social.

### Magno Nunes Farias

Terapeuta Ocupacional. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar. São Carlos – São Paulo, Brasil.  
[magnonfarias@hotmail.com](mailto:magnonfarias@hotmail.com)

### Wender Faleiro

Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão, UFCat, Catalão – Goiás, Brasil.  
[wender.faleiro@gmail.com](mailto:wender.faleiro@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo procura abrir novas reflexões tanto para a Agroecologia quanto para a Terapia Ocupacional, estabelecendo uma relação interdisciplinar focalizada na transformação social, política e ecológica. Subsidiava novas perspectivas as quais compreendem que a "Agroecologia convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências; a uma hibridação de ciências e técnicas; a uma **interdisciplinaridade**" (p.42, grifo nosso)<sup>1</sup>.

Tendo em vista a globalização do capitalismo e a ampliação de padrões de ocupação humana nocivos à vida presente e futura da humanidade, esse trabalho tem como objetivo propor um diálogo entre a *Terapia Ocupacional*, enquanto campo de conhecimento que vem se debruçando sobre a ocupação humana, e a *Agroecologia*, entendendo-a como um movimento insurgente que reivindica formas alternativas<sup>a</sup> de se relacionar com a natureza e seus recursos, superando a colonialidade da natureza<sup>b</sup>. Desse modo, reconhecendo a Agroecologia enquanto campo interdisciplinar que vem ampliando e constituindo pontes com diversas áreas do saber, almeja-se refletir como a Terapia Ocupacional pode contribuir, enquanto profissão e campo de conhecimento, com responsabilidade social, ecológica e política, para o desenvolvimento de ocupações humanas ecologicamente responsáveis.

Trata-se de um estudo de reflexão teórica, o qual busca dialogar com os pressupostos da Agroecologia na perspectiva da Terapia Ocupacional, principalmente a partir das propostas elaboradas pela Terapia Ocupacional eco-social, à luz do autor Simó Algado<sup>2,3</sup>. Espera-se, assim, pensar a Terapia Ocupacional e a ocupação humana a partir da perspectiva da Agroecologia.

A Agroecologia se constitui e se afirma em decorrência da crise do paradigma ocidente/capitalista, da ciência tradicional<sup>17</sup> (eurocêntrica, hegemonicamente anglófona), e procura estabelecer uma visão ampliada e pluralista de conhecimento. Essa discussão vem se consolidando no Brasil desde 1990, sendo incorporada pelos movimentos sociais do campo, compreendida como a comunicação entre as disciplinas científicas (sociais e naturais) e os conhecimentos das comunidades rurais da América Latina, afirmando sua característica desestabilizadora do conhecimento científico tradicional e estabelecendo saberes *outros*.

---

a. A Agroecologia vem se consolidando como uma *alternativa* ao modelo hegemônico pautados no sistema capitalista. Porém, compreende-se que sua finalidade é maior, ou seja, é produzir em nível epistemológico, técnico, econômico, cultural, social e político uma alternativa que leve a *substituição e superação* do modelo hegemônico vigente, como coloca Leff<sup>1</sup>.

b. Esse conceito surge a partir das teorias articuladas pelo Grupo Colonialidade/Modernidade, constituído na década de 1990, teorias que podemos denominar de decoloniais/pós-coloniais latino-americanas. O conceito base para a discussão é Colonialidade, que se caracteriza pelas relações de dominação no mundo atual, que têm origem no sistema histórico do colonialismo político<sup>7</sup>. Ou seja, essa colonialidade diz da "continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial" (p.126)<sup>8</sup>, produz o entendimento de que a Colonialidade da Natureza é resultante desses processos de dominação, articulados pela Colonialidade do Poder, do Saber, da Subjetividade<sup>9</sup>.

A Terapia Ocupacional eco-social pode ser caracterizada como um dos movimentos importantes que vem surgindo no final do século XX e início do século XXI, para refletir sobre o lugar da Terapia Ocupacional dentro das contradições do sistema socioeconômico, debruçando-se sobre as possibilidades de pensar práticas críticas voltadas para as problemáticas sociais, entre elas a ecológica<sup>18</sup>. Esta discussão emerge nos diálogos ibero-latinoamericanos<sup>19</sup> e propõe formas outras de compreender as realidades, saindo do viés convencional/biomédico (das zonas do Norte global, eurocêntricas e hegemônicas em língua inglesa) para pensar a profissão. Estabelecem-se, assim, novos fluxos epistemológicos em territórios historicamente subalternizados, em direção da complexidade social e do meio ambiente<sup>20</sup>. Forja-se uma Terapia Ocupacional que amplia sua relevância para dar respostas às questões contemporâneas “que repercuten de forma drástica en la plenitud ocupacional de las personas y comunidades y en su capacidad de acceder a ocupaciones significativas” (p.34)<sup>21</sup>, que atinge principalmente os sujeitos subalternizados.

Nesse sentido, a Terapia Ocupacional eco-social se coloca como reflexão e ação (práxis<sup>c</sup>) entre as perspectivas que almejam fugir da hegemonia teórica colonialista anglófona, bem como a Agroecologia enquanto movimento que se consolida em território latino-americano e que se constrói nas bases dos movimentos sociais<sup>6,17</sup>. Pensando, sobretudo, a ocupação humana, considera-se interessante confluir essas perspectivas para fortalecer ambas as áreas de conhecimento.

### **1.1 A Agroecologia como movimento de superação da *colonialidade da natureza***

A Agroecologia se caracteriza como um novo paradigma produtivo, que estabelece novas relações com a natureza, com o ser humano, com a ciência, com os conhecimentos dos camponeses, quilombolas, indígenas, entre outros povos. É um movimento de “reconstrução do ser que finda sobre novas bases o sentido da produção e abre as vias a um futuro sustentável” (p.36)<sup>1</sup>. Perpassa a compreensão da natureza enquanto agroecossistema produtivo, superando limitações da racionalidade econômica que levam a sua degradação, a partir de uma apropriação destrutiva, e que, por sua vez, desencadeia a des territorialização dos sujeitos subalternizados, que possuem relações responsáveis com os espaços (camponeses, indígenas, ribeirinhos, entre outros sujeitos).

---

c. É preciso destacar que o conceito de *práxis* que subsidia a discussão desse trabalho é de Paulo Freire, que é um autor que se define também pelo referencial marxista. Porém, aqui, busca-se um diálogo de suas teorias com o referencial decolonial/pós-colonial, haja vista a potencialidade da perspectiva freireana, enquanto pedagogia latino-americana insurgente, para a superação da colonialidade, pois forja uma *práxis* libertadora que se articula com os pressupostos da decolonialidade<sup>22,23</sup>.

A Agroecologia pretende estabelecer relações alternativas com a terra e seus recursos, diante de técnicas e processos de conscientização (para os recursos serem tratados a partir das suas capacidades de existência, evolução e renovação) sobre as relações de dominação nocivas ao desenvolvimento do ser humano, tendo relação estreita com a cultura e os conhecimentos dos povos camponeses e indígenas. Busca-se renovar o valor de uso da terra, superar relações de degradação e consumo alienado, com base no respeito e valorização da natureza e da diversidade cultural enquanto elementos fundamentais para a existência humana<sup>1</sup>.

Assim, há um movimento que questiona e desestabiliza o *status quo* da *colonialidade da natureza*, que se coloca na construção do binarismo entre natureza e sociedade, subsidiado pela colonialidade do poder e saber, calcada na ideia eurocêntrica / moderna / civilizatória / urbana.

Esse paradigma dita enquanto correta a relação do homem colonizador/invasor com a natureza, relação pautada na dominação, exploração e expropriação. Essa ideia se constitui a partir da deslegitimação das relações mágico-espiritual-social-ancestral de respeito a natureza dos povos subalternizados (indígenas, quilombolas, camponeses)<sup>4</sup>, para afirmar a expansão e invasão do capitalismo. É desta maneira que fica qualificada uma estratégia de acumulação de capital baseada na exploração dos territórios e recursos naturais da América Latina<sup>5</sup>. Esta exploração pode ser observada desde o processo de colonização até os dias atuais com a expansão do neoliberalismo a partir do agronegócio<sup>6</sup>. Logo, impacta também na difusão hegemônica de padrões de comportamentos cotidianos pautados na dominação e desvalorização da natureza.

Essa colonialidade entende a existência de hegemonias de extração e compreensão da natureza em uma perspectiva macro (econômica, política e social) e também micro (padrões de comportamentos cotidianos, no fazer humano, na subjetividade de ser relacionado com a natureza), considerando-as como recurso mercadológico e de consumo sem critérios. A colonialidade deslegitima as relações de respeito e ancestrais dos povos indígenas e camponeses com a natureza, para justificar as relações de poder e dominação com a terra e com os sujeitos que vivem nela.

Nesse sentido, a difusão dessa forma de conceber o mundo, a terra e as relações sociais perpassa o cotidiano de todos os seres humanos. Com impactos macrossociais, como a Revolução Verde (movimento iniciado na década de 1950 de modernização e aumento da produtividade agrícola, um pacote tecnológico focado na acumulação de capital, no agronegócio e concentração fundiária)<sup>10</sup>. Mas também com impactos microssociais, influenciando nos padrões de comportamentos cotidianos dos sujeitos (no fazer humano: como escovar os dentes, tomar banho, consumo de alimentos e demais produtos, na produção de lixo, no uso de automóveis, dentre outros comportamentos que comprometem a terra, e estão estabelecidos a partir de uma relação de dominação e alienação, pautada em um padrão de comportamento capitalista, individualista e consumista), que não busca e prioriza estabelecer um vínculo de valorização e respeito pelos recursos naturais. Logo,

essa colonialidade está arraigada no comportamento dos sujeitos, estilos de vida<sup>11</sup>, em variadas dimensões; e a Agroecologia age como movimento de contestação dessas relações nocivas, tanto macro quanto microssociais<sup>d</sup>.

Desta forma, a Agroecologia vai além de um movimento focalizado em práticas agrícolas ou conjunto de técnicas vinculadas com o agroecossistema, mas a partir dos seus percursos de valorização cultural, focalizando no questionamento do *status quo* das relações de poder, se constitui como um conjunto de conhecimentos que vem discutindo as relações humanas, aspectos epistemológicos, ontológicos, econômicos, culturais e sociais. Campo de conhecimento juntamente constituído com a luta de povos historicamente subalternizados pela colonialidade e capitalismo, à exemplo dos povos camponeses. Qualifica-se, então, como um movimento de resistência camponesa pelos seus modos de reprodução material e imaterial<sup>6</sup>.

## **2 DIÁLOGOS ENTRE A AGROECOLOGIA E A TERAPIA OCUPACIONAL (TO): (RE) PENSAR A OCUPAÇÃO HUMANA**

A TO é uma profissão de nível superior, que intervém e pesquisa questões relacionadas com a ocupação humana, compreende que todo ser humano é um ser ocupacional, sendo a ocupação as "atividades estruturantes da vida cotidiana que, dotadas de significado e valor pessoal e sociocultural, promovem e expressam a participação desejada ou necessária de pessoas ou coletivos na sociedade" (p.54)<sup>13</sup>.

Em seu trabalho *Ocupación como proceso ecológico*, Montaña<sup>14</sup> traz que as ocupações não só dão sentidos e significados para a existência humana; com elas os sujeitos constituem seus vínculos no meio social, ecológico e cultural.

Las formas ocupacionales, las funciones de la ocupación, el uso de recursos y materiales con los cuales se da vida a cada una de las manifestaciones ocupacionales del ser humano impactan el ecosistema y a la vez el ecosistema con los cambios producidos por efecto del uso de sus recursos afecta la ocupación (p.129)<sup>14</sup>.

---

d. A compreensão de micro e macrossocial se dá a partir de Malfitano<sup>12</sup>. Para a autora as questões microssociais são aspectos relacionados mais estreitamente com o individual, como as histórias de vida, modos de viver, trabalhar, aspectos culturais dos grupos e comunidades, aspectos subjetivos dos sujeitos. E os macrossociais dizem respeito à dimensão política, que envolve economia, políticas públicas sociais, movimentos sociais, relacionadas com a dinâmica do Estado, do mercado, do capitalismo.

Logo, as ocupações estão estreitamente relacionadas com a natureza, uso de recursos e materiais, tendo diversos efeitos no ecossistema. Assim, mudanças no ecossistema também afetam o uso dos recursos a partir das ocupações. Nesse sentido, há uma relação direta entre ocupação e ecossistema, estabelecido de maneira dependente, nem sempre de forma consciente por parte dos humanos. Porém, coloca-se como necessário questionar, problematizar essas relações complexas, percebendo como as ocupações interagem com essas dimensões (sujeitos – ocupações – ambiente)<sup>14</sup>.

Sendo assim, a TO é potencial para pensar e construir essas reflexões. Objetiva problematizar essas relações, mas também pode produzir possibilidades e estratégias ocupacionais que dialoguem a partir de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, tomando como base a Agroecologia enquanto movimento desestabilizador de ocupações nocivas ao meio ambiente.

Dessa forma, procura-se pensar perspectivas da Agroecologia em diálogo com a TO, tendo em vista essas reflexões sobre novas concepções de mundo, em que a ocupação humana está pautada na justiça social, na conscientização e na superação de padrões de comportamentos destrutivos para a vida humana. A Terapia Ocupacional eco-social, pensada por Simó Algado<sup>2,3</sup>, vem colocando questões na mesma direção em que vem propondo reflexões e ações. Isto pode ser observado nos artigos *Terapia Ocupacional eco-social: hacia una ecología ocupacional*<sup>2</sup> e *Terapia ocupacional eco-social: la ocupación humana frente a la globalización*<sup>3</sup>, desenvolvidos pelo autor. Observa-se esta mesma direção em Montañó<sup>14</sup> em seu trabalho já mencionado anteriormente.

Compreende-se, então, que a ocupação humana pode ter impactos positivos ou negativos no ecossistema, e vice-versa. Ao longo da história e atualmente identifica-se que a ocupação humana se coloca alienada na relação com questões ecológicas e sociais, e, portanto, realizada a partir de uma relação de degradação da terra<sup>2,14</sup>. Porém, "Se a ocupação humana foi chave na degradação do meio ambiente, a ocupação deve ser a chave em sua recuperação/reabilitação" (Wilcock<sup>15</sup> *apud* Simó Algado<sup>3</sup>, p. 08).

A TO enquanto profissão com responsabilidade política e social, também deve agir, seja em seus processos de intervenção ou produção de conhecimento, tomando em consideração aspectos relacionados à ecologia, podendo assumir a Agroecologia enquanto movimento emergente de resistência. Para contribuir com a construção de processos de intervenção calcadas em ocupações humanas que potencializem o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que a ocupação humana não é somente destrutiva, mas capaz de transformar, reciclar, reduzir, reutilizar, ou seja, apta a produzir uma nova relação com a natureza<sup>3</sup>, é fundamental olhar, dialogar e aprender juntamente com os povos camponeses, quilombolas e indígenas, que estabelecem essa relação historicamente.

Evidencia-se que os comportamentos ocupacionais historicamente produzidos com base no capitalismo e na colonialidade da natureza vem gerando o desmatamento, na perspectiva macro, com a difusão do agronegócio, expansão neoliberal, priorizando as necessidades de concentração e acumulação econômica; e na perspectiva micro, o ser humano tem estabelecido no seu cotidiano uma relação com o meio ambiente pautada no desrespeito, (re)produzindo ocupações nocivas à terra, desconectadas com o cuidado com a natureza e imersos no ciber-mundo<sup>2,3</sup>.

Através do campo de conhecimento Agroecológico é possível subsidiar intervenções e produções de conhecimento dentro da TO. Talvez se possa pensar como a profissão pode auxiliar na criação de possibilidades de ocupações alternativas para a transformação das relações de dominação e destruição da natureza, com o objetivo de colocar em sua atuação uma (re) conexão do ser humano com o meio natural, no sentido de romper comportamentos de dominação antropocêntricos.

Propõe-se, a partir da Agroecologia (enquanto campo que tem produzido novas racionalidades, que estabelece diálogos com a diversidade cultural indígena, quilombola, camponesa, entre outros coletivos de resistência), fazer uma TO que questione e rompa com o modo ocupacional e civilizatório (capitalista/urbanocêntrico) dominante que “degrada o ambiente, subvaloriza a diversidade cultural e desconhece o Outro (o indígena, o negro, o camponês), enquanto privilegia um modo de produção e estilo de vida insustentáveis que se tornaram hegemônicos no processo de globalização” (p. 01, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Para isso, é essencial compreender a crise ambiental como uma crise social, associada com a ocupação humana destrutiva, para que, assim, o terapeuta ocupacional possa realizar seu trabalho olhando para essa questão sob o paradigma da Agroecologia, na tentativa de criar possibilidades de ação e reflexão para que os coletivos e sujeitos possam (re) significar, (re)construir e problematizar os padrões de ocupações nocivos para o ecossistema, e, acima de tudo, olhar para a diversidade cultural, valorizando os sujeitos historicamente subalternizados para pensar a construção de uma realidade alternativa e contra hegemônica.

A Agroecologia desenvolve saberes para se (re) pensar os seres humanos, seus comportamentos, a natureza, as relações sociais, econômicas e culturais. Porém, não basta (re) pensar: é emergente resgatar relações de respeito e de conservação ancestrais, dos antepassados e das comunidades camponesas, indígenas e negras que resistem a expansão do capital. É emergente

[...] elaborar propostas de ação social coletiva que enfrentam a lógica depredadora do modelo produtivo agroindustrial hegemônico, para substituí-lo por outro, que orienta para a construção de uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável (p.39)<sup>1</sup>.

É movimento de transformação do hegemônico, a partir de novas enunciações e epistemologias, capaz de subsidiar a práxis<sup>16</sup> (reflexão e ação) da TO, para que tenha a ecologia como princípio da conscientização em sua prática de pesquisa e intervenção, objetivando a consciência ecológica e social.

Dessa forma, os conhecimentos da Agroecologia permitem “desarrollar una terapia ocupacional eco-social, cuyo principal objetivo es la co-creación de comunidades inclusivas y sostenibles, junto a las comunidades con las que tenemos el privilegio de trabajar” (p.13)<sup>2</sup>. A profissão, sob essa égide, atuará nos espaços com o foco na produção de vidas sustentáveis, dentro das comunidades e com os sujeitos, buscando uma ocupação humana harmônica com a natureza e seus recursos, pautada na cooperação, nas relações comunitárias, no diálogo, na conscientização e na valorização cultural dos povos de resistência enquanto sujeitos de enunciação de paradigmas de transformação.

Dentro disso, é necessário afirmar que a dimensão da questão ecológica está em nível microsocial, que envolve as ocupações humanas cotidianas, os estilos de vida, em âmbitos individuais e comunitários; mas que tem sua manutenção sustentada de forma macro, apoiadas em políticas econômicas, pautadas na acumulação de capital, na alienação da vida e na homogeneização da cultura da insustentabilidade e do consumismo<sup>14</sup>. Por isso, a TO também deve se afirmar enquanto agente que pensa na dimensão política dessas ocupações, que estão dentro de um escopo. Tal escopo envolve o Estado, as políticas públicas, a economia e o mercado, os quais disputam projetos societários sustentáveis e insustentáveis.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As ocupações de sujeitos ou grupos sociais estão relacionadas com as maneiras com que esses seres se relacionam com a natureza, que pode ser negativa/destrutiva/alienada ou positiva/sustentável/consciente; ou seja, as ocupações de sujeitos ou grupos sociais estão também relacionadas com sua consciência e posicionamento ecológico e social para e com o mundo. Logo, para a transformação de ocupações humanas pautadas no paradigma capitalista em seu desenvolvimento com base na Agroecologia, é interessante que existam diálogos com profissões como a TO. A TO busca entender as ocupações humanas e, por conseguinte, tem a capacidade de intervir junto às mesmas, para construir espaços para superação de padrões ocupacionais baseados no paradigma capitalista/alienado, juntamente com outros profissionais em uma relação interdisciplinar, realizando essa práxis de forma individual e coletiva, pensando também possibilidades de como contribuir na dimensão política e econômica para a produção de ocupações como responsabilidade eco-social.

## Referências

1. Leff E. **Agroecologia e saber ambiental**. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre. 2002; 3(1): 36-51.
2. Simó Algado S. **Terapia Ocupacional eco-social: hacia una ecología ocupacional**. *Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar*. São Carlos. 2012; 20 (1): 7-16. doi: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2012.001>
3. Simó Algado S. **Terapia ocupacional eco-social. La ocupación humana frente a la globalización**. *Revista electrónica de terapia ocupacional Galici*. A Coruña. 2013;10 (17): 1-11. Disponível em: <http://www.revistatog.com/num17/pdfs/ecosocial.pdf> . Acesso em: 10 de junho de 2017.
4. Walsh C. **Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado**. *Tabula Rasa*. Bogotá. 2008; 1 (9): 131-152. Disponível em: < <http://www.revistatabularasa.org> > . Acesso em: 10 de junho de 2017.
5. Assis WFT. **Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo**. *Caderno CRH*. Salvador. 2014; 27 (72): 613-627. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300011>
6. Guhur DMP; Toná N. **Agroecologia**. In: Caldart, R *et al.*. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro. Editora Expressão Popular; 2012, p. 59 - 67.
7. Quijano A. **Colonialidad y modernidad-racionalidad**. In.: Palermo, Z; Quintero, P. Anibal Quijano. Buenos Aires. Ediciones del Signo; 2014, p. 60-70.
8. Grosfoguel R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra. 2008; (80): 115-147. doi: 10.4000/rccs.697
9. Ballestrin L. **América Latina e o giro decolonial**. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília. 2013; (11); 89-117. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
10. Pereira MCD. **Revolução Verde**. In: Caldart, R *et al.*. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro. Editora Expressão Popular; 2012, p. 685 - 689.
11. Galano C *et al.* **Manifiesto por la vida Por una ética para la sustentabilidad**. *Ambiente e Sociedade*. Campinas. 2002; (10): 1-14.
12. Malfitano APS. **Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social**. *Revista de Terapia Ocupacional da Univ. São Paulo*. 2005; 16(1): 1-8. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v16i1p1-8>
13. Almeida, MC *et al.* **Glossário de base para a Terapia Ocupacional na Assistência Social**. In: Chagas, JNM *et al.* *Terapia Ocupacional na Assistência Social (SUAS)*. - Rio de Janeiro. CREFITO2; 2015, p.52-57.
14. Montañó JAM. **Ocupación como proceso ecológico**. In: *Ocupación: sentido, realización y libertad*. Diálogos ocupacionales en torno al sujeto, la sociedad y el medio ambiente. Bogotá. Claudia Rojas: Grupo de Investigación Ocupación y Realización Humana - Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Medicina. Departamento de la Ocupación Humana; 2011, p. 129-147.

15. Wilcock AA. **An occupational perspective of health II**. Thorofare: Slack incorporated; 2006.
16. Freire P. **Pedagogia do Oprimido**. 17<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra; 1987.
17. Gomes JCC. **As bases epistemológicas da Agroecologia**. In: Caporal, FR; Azevedo, EO. Princípios e perspectivas da Agroecologia. Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – Educação à Distância.–Paraná. IFPR; 2011, p.13-42.
18. Lopes RE; Barros DD; Malfitano APS. **Terapia Ocupacional Social: aportes para o desenho de um campo**. In: Cavalcanti, A.; Galvão, CRC. Terapia Ocupacional: Fundamentação & Prática. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan; No prelo.
19. Pollard N; Sakellarou D. **Prólogo**. In: Algado, SS *et al*. Terapias Ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1<sup>a</sup>ed. Chile. Editorial USACH; 2016, p.27-29.
20. Iwama, M. **Prólogo**. In: Simó Algado, S *et al*. Terapias Ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1<sup>a</sup>ed. Chile. Editorial USACH; 2016, p.31-32.
21. Simó Algado S. **Introducción**. In: Simó Algado, S *et al*. Terapias Ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1<sup>a</sup>ed. Chile. Editorial USACH; 2016, p.33-37.
22. Streck DR; Moretti CZ. **Colonialidade e insurgência: contribuições para uma pedagogia latino-americana**. Rev. Lusófona de Educação. Lisboa. 2013; 24 (1): 33-48. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4176> . Acesso em: 10 de junho de 2017.
23. Penna C. **Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. Brasília. 2014; 8 (2): 181-199. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/12609> . Acesso em: 10 de junho de 2017.

\* Este trabalho fez parte do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação e Desenvolvimento do Campo – NEPCampo da Universidade Federal de Catalão, UFCat.

**Contribuição das autoras: Magno Nunes Farias** foi responsável pela concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão. **Wender Faleiro** foi responsável pela concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão.

Submetido em: 01/04/2018

Aceito em: 02/10/2018

Publicado em: 31/01/2019